

RUSSELL P. SHEDD

A BÍBLIA E OS LIVROS



Sumário

Introdução	7
A Bíblia traduzida	11
A distância que separa os primeiros leitores dos modernos	15
Confirmação arqueológica	19
A exegese e a interpretação da Bíblia	25
Onde está a vontade de Deus na Bíblia?	31
Selecione criteriosamente os livros	45
Conclusão	53

Introdução

Os cristãos são o povo do livro, isto é, da biblioteca de 66 livros conhecida como a Bíblia. A inspiração divina desta obra múltipla a eleva para a posição central e fundamento inabalável da fé cristã.

Durante séculos seguidos, a Bíblia ficou na situação ambígua de ser a narração dos fatos em que a igreja colocava sua: fé salvadora e ao mesmo tempo o livro virtualmente desconhecido. Desde os séculos V e VI depois de Cristo, quando Jerônimo traduziu a Bíblia do hebraico e grego para o latim, até o trabalho pioneiro de Wycliffe e Lutero, a Bíblia foi destinada a ser cada vez menos lida e entendida. O latim, que há 1500 anos atrás foi a língua do povo da Europa ocidental, transformou-se em um véu cada vez mais espesso para os povos que falavam as línguas românticas, italiano, espanhol, francês, português e outras. A vantagem do

latim se baseava na possibilidade de manter a comunicação entre povos que falavam línguas distintas. Por outro lado, os analfabetos, que constituíam a maioria da população europeia, não entendiam o latim.

A Vulgata, traduzida por Jerônimo, era a versão aceita oficialmente pela Igreja Católica Romana, mas o conteúdo das suas páginas ficou desconhecido pela maioria. Assim, se deu a oportunidade de criar e aumentar as tradições dogmáticas sem interferência séria da Bíblia.

A própria Igreja Católica achou por bem sequestrar a Bíblia do povo. Dessa maneira, os ensinamentos do *magisterium* (órgão oficial para a determinação do ensino bíblico aceitável à Igreja) se transformaram “no que a Bíblia disse”, segundo os mestres autorizados pela hierarquia em Roma.

Paulatinamente, na era das trevas, ou período medieval, a Bíblia ficou cada vez mais distante do povo. Quem teria coragem de colocar em dúvida as interpretações eclesiásticas oficiais? Quem quer que fosse que publicamente desafiasse as tradições era tachado de “herege” e morto ou banido juntamente com suas obras.

Assim, duas barreiras ofuscavam a mente do “cristão” típico antes da Reforma do século XV. Primeiro, a língua latina que não se entendia. Segundo, uma

ameaça física e espiritual efetiva. Torturas e martírio pela fogueira intimidavam qualquer interessado no restabelecimento da religião bíblica como aconteceu com João Hus e Savanarola. Muitos certamente discerniam os interesses humanos que os principais líderes da Igreja tinham para manter os membros dependentes e obedientes às ordens eclesiásticas.

Além destas formidáveis barreiras que mantiveram os católicos na ignorância das Escrituras houve mais uma: a produção de livros que dependia de papel rude e caro, chamado papiro. Por volta do século X, aos poucos, o papiro foi sendo substituído por pergaminho feito de peles de ovelhas e cabras. Porém, a reprodução era realizada com pena e tinta. Quantas centenas de horas se gastaram para copiar um exemplar da Bíblia?

Escreviam-se livros, mas eram extremamente raros e poucos os exemplares. As famosas bibliotecas do mundo, como, por exemplo, a do Vaticano ou a do Museu Britânico em Londres, apresentam prateleiras cheias de livros publicados antes da invenção da imprensa nos meados de 1450 A.D. As mais antigas universidades como Paris, Edimburgo, Oxford, Cambridge, Coimbra e outras têm depósitos históricos das obras que antecederam a imprensa. As cópias são raríssimas e os títulos de número muito reduzido em contraste com o número de obras publicadas nos últimos 500 anos.

Isso tudo mudou após o desenvolvimento de tipos móveis, feitos de chumbo e prensas, a princípio, operadas manualmente, e depois, à vapor e eletricidade. Mesmo assim, a importância da Bíblia pode ser facilmente distinguida dos livros não inspirados produzidos durante a época da igreja primitiva até a Reforma. Só de fragmentos, porções e exemplares de Bíblias e Novos Testamentos, todos escritos à mão, há mais de 5000 que sobrevivem espalhados pelas bibliotecas e museus do primeiro mundo. De livros não inspirados, como os escritos de Homero, Aristóteles ou Platão, os manuscritos (livros escritos à mão antes da invenção da imprensa) são raríssimos. Em contra partida, os Pais da igreja e os monges nos mosteiros mantiveram a luz acesa pelas cópias das Escrituras que guardavam e copiavam. Em particular, o Novo Testamento ocupou lugar de destaque através dos séculos. Hoje, também, a distribuição de Bíblias e porções supera em muito a de outras obras impressas. A Bíblia é o *Best Seller* ano após ano. A Bíblia, e partes dela, somente na Nova Versão Intencional, já alcançou o número expressivo de mais de 75 milhões de exemplares!

A BÍBLIA E OS LIVROS

Russell P. Shedd é doutor em Novo Testamento pela Universidade de Edimburgo, Escócia. Há várias décadas trabalha como missionário no Brasil. É autor de vários livros, entre eles *O líder que Deus usa* e *O mundo, a carne e o diabo*, publicados por Edições Vida Nova, e *Avivamento e renovação, Criação e graça e Evangelização: fundamentos bíblicos*, publicados por Shedd Publicações.


SHEDD
PUBLICAÇÕES

ISBN 978-85-8038-020-0



9 788580 380200